

POESIA NA SALA DE AULA: LENDO E BRINCANDO COM POEMAS DE CECÍLIA MEIRELES.

Lidiane da Silva REIS
Universidade Estadual da Paraíba
Elaine da Silva REIS
Universidade Federal de Campina Grande

1 INTRODUÇÃO

Inúmeros estudiosos que trabalham com o ensino da literatura discutem a ineficácia de se trabalhar com o texto literário como pretexto para o ensino dos mais diversos conteúdos escolarizados como a gramática ou mesmo os valores morais transmitidos pela grade curricular da Instituição escolar no decorrer dos anos.

As discussões que apontam para a necessidade de um trabalho mais produtivo com o texto literário, visando inicialmente despertar na criança o prazer pela leitura já avançaram, mas infelizmente, ainda nos deparamos com atividades mecânicas voltadas para o ensino da literatura, principalmente, no que diz respeito ao trabalho com o poema em sala de aula.

Essa situação nos traz a preocupação de refletirmos sobre o ensino da poesia infantil, tendo em vista que sabemos que a mesma, além de outras coisas significativas, contribui para desenvolver a criatividade, a sensibilidade e a criticidade da criança.

Sendo assim, com o objetivo de refletirmos sobre o ensino da poesia infantil no contexto escolar, nos propomos a ampliar a discussão sobre a relevância desse tipo de trabalho em sala de aula, traçando um percurso histórico da poesia infantil, desde o século XIX até o momento atual, destacando a relevância da poesia infantil no contexto escolar, discutindo sobre o trabalho com a poesia na sala de aula e, por fim, enfocando a leitura de três poemas de Cecília Meireles.

2 PERCURSO HISTÓRICO DA POESIA INFANTIL

A poesia infantil, sistematicamente, nasce em fins do século XIX e expande-se nos primeiros anos do século XX. Seu surgimento tem como objetivo contribuir com a tarefa educativa da escola, auxiliando na formação do futuro cidadão. Para essa formação, o aluno

era obrigado a memorizar poemas de caráter conservador que incentivavam a construção de valores (pátrios, filiais, fraternais, caridosos etc).

Nesse contexto, a produção poética para criança tratava-se de poesias que privilegiavam a métrica, a forma e uma ideologia pedagógica voltada para o rigor moral de natureza assumidamente didática, abusando dos estereótipos e da exagerada idealização da realidade. Essa didática de ensino fazia parte do sistema educativo brasileiro (de fins do século XIX até os anos 30/40). Com isso:

Surgiram obras que não tinham compromisso com o leitor infantil; pecaram pelo pedagogismo, pela imbecilização da infância ou pela incapacidade de promover a identificação da criança com as propostas ali contidas. (AGUIAR, 2004, p.28)

Só aos poucos, alguns escritores passaram a se preocupar com a poesia infantil. Entre eles podemos citar: Francisca Júlia, Zalina Rolim e Maria Eugênia Celso e, como grande “modelo” do gênero, destacaram-se as poesias de Olavo Bilac. Entretanto, boa parte dessas poesias não exprimia a vivacidade que deveriam ter, pois a mensagem transmitida, na maioria das vezes, era essencialmente racional e não lúdica.

Mas, a poesia contemporânea contribuiu para que os poetas começassem a pensar em poesia infantil, escrevendo versos que pudessem despertar provocar e ampliar o imaginário das crianças. Essas poesias passaram a valorizar mais o lúdico, levando o alunado infantil a vê-las não mais como árduas atividades de leituras, mas como uma porta aberta para o mundo da fantasia e da criatividade.

Essa postura frente à poesia infantil foi bastante significativa para o trabalho com esse gênero na sala de aula, pois possibilitou uma maneira nova de se ler os poemas, começando pelos docentes, que foram levados a perceber que a mera didatização dessa espécie de texto não atendia às expectativas dos leitores infantis, sobretudo, não contribuía para a construção significativa do imaginário infantil.

Com isso, podemos compreender que o caráter didático do trabalho com a poesia infantil, não deve, de fato, ocupar o lugar central no estudo desse gênero. Contudo, não é preciso descartá-lo por completo, desde que, seja direcionado para um contexto em que a formação da criança, enquanto sujeito e cidadã, seja considerada. Sobre isto, Coelho argumenta:

Se partirmos do princípio de que hoje a educação da criança visa basicamente levá-la a descobrir a realidade que a circunda; a ver realmente as coisas e os seres com que ela convive a ter consciência de si mesma e do meio em que está para além das aparências e ensiná-la a se comunicar eficazmente com os outros, a linguagem

poética destaca-se como um dos mais adequados instrumentos didáticos (COELHO, 1984 p.158)

Dessa forma, percebemos que essa didatização deve ser considerada desde que esteja voltada para a descoberta e para a experimentação. Com isso, vemos que a poesia infantil, hoje, pode ser pensada pedagogicamente, não como um mero recurso didático, mas como um instrumento capaz de despertar o encantamento e desenvolver a sensibilidade poética da criança.

3. TRABALHO COM A POESIA NA SALA DE AULA

Apesar de a poesia ser um meio de aguçar a percepção sensorial da criança e despertar a sensibilidade e a capacidade de pensar da mesma, percebemos que ainda existe certa resistência, por parte de muitos educadores, para se trabalhar com esse gênero em sala de aula. Infelizmente, a poesia ainda é considerada um gênero menor e de “difícil entendimento”. Essa concepção faz com que muitos professores, quando não desprezem o trabalho com esse gênero textual, não valorizem ou trabalhem de forma inadequada com a poesia em sala de aula.

Além dos pontos apontados anteriormente, outros fatores contribuem para o mau uso e desvalorização do texto poético infantil. Pinheiro (2000) mostra que um dos fatores é o problema na distribuição de livros em nosso país, outro seria a enorme carência de leituras sobre a poesia infantil e o desconhecimento de muitas obras importantes. Outro agravante é imaginarmos que criança não gosta de poesia e que esse estilo de texto é complexo para determinada faixa etária devido ao seu caráter subjetivo.

Contudo, é possível desmistificar essas visões deturpadas em relação ao uso do gênero em sala de aula, à medida que, ao adentrarmos no estudo sobre a poesia infantil, percebermos a poesia como um poderoso recurso didático capaz de incentivar a criatividade infantil e despertar na criança os mais belos sentimentos. Nesse sentido, Góes (1984, p. 177) afirma que “a poesia é uma porta para o sensível, para o belo. A poesia é música, ritmo, além de ensinar a beleza da língua. A poesia excita a imaginação e a criatividade”.

Para tanto, entendemos que o trabalho com esse gênero em sala de aula será relevante se compreendermos que a poesia para criança, além de ser muito boa e de primeiríssima qualidade, como mostra Abramovick, deve ser:

Bela, movente, cutucante, nova, surpreendente, bem escrita... Mexendo com a emoção, com as sensações, com os poros, mostrando algo de especial ou que passaria despercebido, invertendo a forma usual de a gente se aproximar de alguém ou de alguma coisa... Prazerosa, triste, sofrente, se for a intenção do autor... Prazerosa, gostosa, lúdica, brincante, se for a intenção do autor... (ABRAMOVICK, 1997, p.67)

É através do ritmo, das rimas, do brincar com as palavras, do despertar das emoções que a criança é transportada de um mundo de frustrações, tristezas, medo e insegurança para o mundo fantástico e maravilhoso das letras. Cabe a nós, educadores, nos preocuparmos em saber como trabalhar de forma dinâmica com o poema nas aulas, apreciando e valorizando a poesia, para que haja um bom aproveitamento do contato com esse gênero em sala de aula.

Saber como trabalhar a poesia na sala de aula ainda é uma questão que atormenta muitos educadores, principalmente quando é preciso voltar esse trabalho para o público infantil. Alguns profissionais da área mostram-se despreparados e inseguros para utilizar de maneira satisfatória o texto poético em aulas ministradas para crianças.

A partir de uma visão superficial acerca do texto poético, alguns educadores tendem a transmitir o gênero e trabalhá-lo em seu fazer pedagógico de maneira errônea. Muitos acreditam que a poesia infantil deve ser cheia de 'inhos', como aponta Abramovich(1997), tendem a ser "pequeninha, bobinha, mimosinha [...]". Acerca dessa deficiência, Góes (1984) afirma que, "talvez a crise da poesia seja a crise do nosso modo de ensinar poesia".

Devido a tantas dúvidas e insegurança no que diz respeito ao trabalho com o texto lírico, muitos professores acabam priorizando o texto em prosa e a maioria desses educadores que escolhe o poema tende a utilizar esse tipo de texto como pretexto para trabalhar questões gramaticais e, quando optam por interpretação, o fazem através de perguntas objetivas ou estruturais. Para Cunha (2003, p.10),

tais atividades parecem querer aproveitar o poema para exercitar automatismos (de caligrafia, ou ortografia, por exemplo) que podem ser conseguidos por outros meios mais eficazes e que não fazem perigar o gosto da criança pelo texto.

Diante disso, percebemos que esse tipo de atividade compromete o texto poético, tendo em vista que não contemplam uma leitura que proporcione prazer, desperte o emocional e estimule o senso crítico do aluno. Agindo assim, o professor pode limitar a imaginação criadora dos alunos ou enfraquecê-la, em vez de estimular a capacidade de criar.

Sendo assim, para se trabalhar de maneira satisfatória a poesia em sala de aula, é preciso que o mediador não só apresente textos de qualidade, mas que proporcione uma somatória de outros elementos na construção dessa aproximação do aluno com o gênero em estudo.

Recorrendo a alguns encaminhamentos para o ato de leitura literária, Pinheiro (2007, p.26) aponta três condições indispensáveis: na primeira tem-se que “o professor seja realmente um leitor, que tenha experiência significativa de leitura”. Nessa condição, o autor destaca que ter experiência significativa, não quer dizer que seja um leitor erudito, mas que tenha tido contato com a leitura de forma prazerosa e proveitosa.

A segunda condição apontada é a de que “haja sempre uma pesquisa sobre os interesses dos alunos”. Para o autor, não adianta tentar despertar o interesse do aluno sem que antes haja uma atividade de sondagem. É preciso priorizar o gosto temático do aluno para que o trabalho com a poesia seja satisfatório e cumpra seu objetivo. Mas, o autor acrescenta que é importante apresentar-lhes também algo novo, que lhes proporcione novas experiências.

A outra condição colocada por Pinheiro é “o ambiente em que se vai trabalhar a poesia”. Sobre a mesma, vemos nas palavras do autor:

Criar um ambiente adequado, sobretudo nos primeiros anos de estudo, favorece o interesse e gosto pela poesia. Ir ao pátio da escola para ler uma pequena antologia, pôr música de fundo enquanto se lê, são elementos que ajudam na conquista do leitor. (PINHEIRO, 2007, p.28)

Dadas essas condições indispensáveis, cabe ao professor fazer uso de cada uma e acrescentar sua criatividade para propor atividades prazerosas, dinâmicas e estimulantes, ampliando através de uma prática pedagógica construtiva, o imaginário infantil.

4 LENDO E BRINCANDO COM POEMAS DE CECÍLIA MEIRELES

Sabemos que são muitos os poetas que privilegiam no seu trabalho, o lúdico e a brincadeira com as palavras, fazendo com que a criança perceba a poesia de um modo gostoso e prazeroso. Grandes nomes como: José Paulo Paes, Sérgio Caparelli, Vinícius de Moraes, Elias José e outros podem ser perfeitamente citados e trabalhados em sala de aula, mas pretendemos destacar dentre os grandes escritores, a poetisa Cecília Meireles, pois através de sua forma de criar novas formas com as palavras nos despertou o desejo de pensarmos o trabalho com a poesia, a partir da leitura de alguns de seus poemas.

Cecília trabalha de uma forma bem criativa com a linguagem, valorizando, em quase todos os seus poemas de cunho infantil, recursos estilísticos como a assonância, a aliteração, o uso linguístico de brincadeiras populares como os trava-línguas, entrelaçando esses recursos num jogo lúdico de palavras capaz de produzir uma musicalidade bastante envolvente contribuindo para a sensibilização do aluno e o prazer da leitura. Sendo assim,

a poesia oferece-se como possibilidade de reavivamento da relação sensível com o mundo, ao encontro do que é profundo e original nos seres e nas coisas, porque na poesia, como arte, a palavra readquire a face perdida, retoma a aura lúdica, a plenitude da palavra original (BOCHECO, 2002, p. 33).

Dessa forma, Cecília através do ludismo poético presente em sua obra “Ou Isto Ou Aquilo”, dedicada à infância, convida o leitor a participar de um mundo repleto de brincadeiras, melodias e encantamento.

Ao tomarmos como exemplo alguns poemas de Cecília, podemos perceber as características, anteriormente mencionadas:

JOGO DA BOLA

A bela bola rola:
a bela bola do Raul.
Bola amarela, a de Arabela.
A do Raul, azul.
Rola a amarela
e pula a azul.
A bola é mole,
é mole e rola.
A bola é bela,
é bela e pula.
É bela, rola e pula,
é mole, amarela, azul.
A de Raul é de Arabela,
e a de Arabela é de Raul.

(MEIRELES, 2002)

O jogo apresentado é um jogo sem regras, mas amplamente imerso nas possibilidades do brincar com as palavras. A bola que rola, é bela, mole, pula num pique mantido através de palavras dissílabas e assonantes usadas para intensificar a musicalidade desses versos. Ao realizarmos uma leitura bem ritmada do poema, percebemos um jogo sonoro que nos remete ao próprio ato do jogar da bola ora por Raul, ora por Arabela.

E nessa brincadeira de vai e vêm, as duas bolas se misturam ao ponto de vermos a bola de Raul sendo de Arabela e a de Arabela sendo de Raul.

O ritmo musicalizado do poema é percebido também mediante a ênfase sonora em torno da consoante “L”, que proporciona através de uma leitura em voz alta uma melodia bastante agradável e ao mesmo tempo desperta para o gosto de uma brincadeira de tradição oral que são os trava-línguas. Esse jogo de palavras é uma excelente maneira de instigar a inteligência, mostrando as diversas possibilidades da língua. Com isso, percebe-se que o jogo sonoro na poética ceciliana aproxima-se do universo lúdico infantil devido a sua natureza ilimitada.

Ainda dentro desse universo das brincadeiras, o poema *Bolhas* apresenta também uma ampla variedade formal e sonora desse ludismo ilimitado do brincar com palavras.

BOLHAS

Olha a bolha d'água
no galho!
Olha o orvalho!
Olha a bolha de vinho
na rolha!
Olha a bolha!
Olha a bolha na mão
que trabalha!
Olha a bolha de sabão
na ponta da palha:
brilha, espelha
e se espalha
Olha a bolha!
Olha a bolha
que molha
a mão do menino:
A bolha da chuva da calha !

(MEIRELES, 2002)

Percebemos no poema “*Bolha*”, uma riqueza sonora, uma brincadeira com palavras em *lh* e com o som aberto e fechado das vogais provocando uma modulação que contribui para o efeito de movimento das bolhas como também para a sensação de aparecimento e desaparecimento das mesmas. O sinal de exclamação aparece como marca de entonação, quase todos os versos iniciam com o verbo imperativo “Olha”, o que nos faz perceber uma urgência em apreciar as diferentes bolhas que estão por toda parte e a qualquer momento poderão desaparecer. As bolhas ora aparecem como suave neblina, ora na mão do trabalhador, sinalizando um trabalho exaustivo e ora para embelezar o ambiente.

A BAILARINA

Esta menina
tão pequenina

quer ser bailarina.

Não conhece nem dó nem ré
mas sabe ficar na ponta do pé.

Não conhece nem mi nem fá
Mas inclina o corpo para cá e para lá.

Não conhece nem lá nem si,
mas fecha os olhos e sorri.

Roda, roda, roda, com os bracinhos no ar
e não fica tonta nem sai do lugar.

Põe no cabelo uma estrela e um véu
e diz que caiu do céu.

Esta menina
tão pequenina
quer ser bailarina.

Mas depois esquece todas as danças,
E também quer dormir como as outras crianças.

(MEIRELES, 2002)

O movimento está presente de modo marcante em “*A bailarina*”, a própria estrutura do poema evidencia a musicalidade, as rimas emparelhadas e o verso dez trás esse efeito de forma bastante marcado, onde a repetição da palavra “roda” representa o girar da bailarina.

O eu lírico descreve uma garotinha que anseia ser bailarina e a partir das quatro primeiras estrofes são apresentadas seis notas musicais, as quais a menina ainda não conhecia, mas que apesar de ela não ter determinado conhecimento, sabia realizar passos essenciais de uma bailarina.

Ao lermos esse poema em voz alta, a criança perceberá a delicadeza das palavras, o entrelaçar dos sons nos conduzindo para uma suave dança e a toda uma vivência de uma menina que apesar de seus desejos, sentia a necessidade de dormir e descansar como qualquer outra criança.

É dessa forma bastante criativa que Cecília é capaz de despertar, através de suas poesias, as mais variadas sensações e, a partir do brincar com as palavras e seus significados, faz com que a criança comece a enxergar a poesia com mais encantamento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse estudo, tivemos a oportunidade de ver que muitos embates travados no início da configuração da poesia infantil ainda devem ser pleiteados hoje, no sentido de

levar as pessoas que trabalham com a poesia a compreender que a mesma é capaz de despertar, provocar e ampliar o imaginário das crianças.

É através desse tipo de leitura que o professor pode e deve proporcionar situações em que a criança desenvolva seu lado emocional, construa seus valores e desperte para um saber lúdico. Fazer um trabalho lúdico com o ensino de poemas pode ser uma forma eficaz de levar o alunado infantil a ver a leitura de poemas, não mais como uma atividade árdua, mas como uma porta aberta para o mundo da fantasia e da criatividade.

Para nós, ficou também perceptível que o poema precisa, dentre outras condições, fazer parte do mundo do educador para posteriormente penetrar no mundo da criança, de modo que, possa contribuir de forma significativa para a construção do processo de aprendizagem de conhecimentos ricos e valiosos para o imaginário infantil.

Por fim, tivemos a oportunidade de constatar que os poemas da escritora Cecília Meireles são uma excelente opção para aqueles que desejam levar a criança a penetrar no mundo da leitura de forma lúdica e prazerosa, tendo em vista que possibilitam à criança a vivenciar sensações na medida em que brinca com as palavras, seus sons e significados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

BOCHECO, E. E. **Poesia infantil: O abraço mágico**. Chapecó: Argos, 2002.

COELHO, N. N. **A literatura infantil**. São Paulo: Quíron, 1984.

_____. **Literatura Infantil: teoria, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

CUNHA, M. A. A. **Literatura Infantil: teoria e prática**. São Paulo: Ática. Série Educação, 2003.

GÓIS, L. P. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Pioneira, 1984.

GUIMARÃES, R. B. A poética do efêmero em *ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles. In: PINHEIRO, Hélder. NÓBREGA, Marta (Orgs.). **Literatura da crítica à sala de aula**. Campina Grande: Bagagem, 2006.

MEIRELES, C. **Ou isto ou aquilo**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

PINHEIRO, H. **Poesia na sala de aula**. 2ª ed. João Pessoa: Idéia, 2002.

_____. **Poesia na Sala de Aula**. 3ª ed. Campina Grande: Bagagem, 2007.